

Balanço do Vento

Stela Barbieri

Instituto Tomie Ohtake / Fundação Bienal – São Paulo

Fui convidada por este seminário a refletir sobre os processos de diálogo com a arte que acontecem no Instituto Tomie Ohtake e na Curadoria Educativa da 29ª Bienal de São Paulo. Cada um de nós olha para a realidade a partir de nossas experiências e nosso universo de atuação. Olhando para as ações educativas desenvolvidas nas duas instituições referidas acima, percebo que elas são o reflexo da estrutura e propósito institucionais (histórico, características, direção) e das equipes que fazem o trabalho acontecer.

O projeto educativo de cada Instituição é um misto de criação e logística que acontece dependendo da forma como as equipes se organizam. Meus pontos de partida como curadora e gestora são minhas experiências como artista, contadora de histórias e escritora, professora de crianças pequenas e professora de professores. São experiências de encontros e desencontros com a arte e com as pessoas.

Percebo que existe algo indizível que permeia todas as relações, talvez seja o ambiente que se cria a partir de pragmatismo e sensibilidade das pessoas que participam deste processo.

Para falar de ambiente e estrutura vou começar falando sobre o ar que nos mantém em contato: vento, sopro, o elemento que está entre o céu e a terra, conecta e permeia todos nós, a vida invisível. O ser aéreo é livre.

O ar que passa por você, que te atravessa, é o mesmo ar que passa por mim, por todos nós. Isto é óbvio e, ao mesmo tempo, surpreende.

Usamos frequentemente expressões como: ele ficou sem fôlego, respirou fundo, chegou ofegante, senti sua respiração próxima, a idéia estava no ar. Expressões que

revelam um estado usado como forma de expressão em narrativas. Para os griôts, contadores de histórias africanos, o ar, a voz, a palavra trazem o hálito, nos trazem o que vem de dentro, o que já circulou por tudo antes de ser expresso. O ar como elemento que põe em contato o de dentro e o de fora, em movimentos incessantes. O ar como criação e pensamento, o ar como aquilo que revela o que está no ambiente.

Para mim, fazer arte e educação é respiração, movimento, reflexão, tomar consciência ou sentir a vitalidade que nos conecta a todos, sentir o sopro de vida. Fazer educação através da arte é fazer junto, todas as pessoas e suas ações mediam as relações com o espaço e com as obras, dos recepcionistas aos seguranças, dos presidentes das instituições aos educadores, dos montadores as faxineiras, a luminosidade, o espaço físico, a programação de exposições, cursos e todas as intenções ali postas.

Toda ação educativa começa com um projeto, um filme interno, uma foto mental, uma imagem geradora daquilo que podemos imaginar e cada pessoa que participa deste processo tem suas imagens e expectativas. Este planejamento, projeto, ação imaginada permeia, objetiva e subjetivamente, as relações com a arte.

A arte é como um sopro que acontece reinventando a vida, inventando mundos e neste sentido o mundo da arte e da infância são muito próximos e arejados pela criação.

Arte e infância têm uma grande ligação. O espírito da arte e o espírito da infância têm em comum a invenção, a traquinagem, a busca, a aventura, o empenho de realizar algo, mesmo que isto exija esforço e persistência. A brincadeira em eterno movimento.

Os artistas e as crianças são aqueles que acreditam no impossível no território da liberdade. Fazem algo porque estão vivos, por serem curiosos, por quererem fazer, descobrir ou simplesmente porque tiveram uma ideia e querem levá-la ao mundo.

Criação é a catalisação de uma rede de potências e limites articulados que se manifesta através de uma pessoa numa ação.

São muitos os elementos que nos fazem criar, antagônicos ou confluentes, harmoniosos ou caóticos. A criação sempre pressupõe um movimento, visível ou não, que, muitas vezes, pode se dar apenas internamente.

Nossa relação com a arte e com a infância nos traz de volta nossas experiências, atualiza nossa biografia.

Para mim a criação começa numa cadeira de balanço, onde eu ficava por seis horas num dia, seguindo o percurso do sol no quintal de minha casa em Araraquara. Foi ali que surgiu a arte, o desejo de inventar sem que ninguém precisasse saber o que acontecia. Fazia verdadeiros filmes mentais, embalada pelo movimento do balanço.

Há na criação certa dose de transgressão. Ela possibilita que façamos descobertas, vivamos deslocamentos e ultrapassemos nossos limites num processo de aprendizagem onde inventamos a nós mesmos.

Foi nesta invenção de mundos e também da possibilidade de estar em momentos em contato com minha solidão mais profunda, em outros brincando com meus amigos ou sozinha, fazendo bolos de terra, cabana, suco de flores, correndo atrás de galinhas, desenhando, fazendo poesias e gravuras, foi assim que a arte surgiu.

Meu trabalho de arte se desenvolve ao mesmo tempo em que o de educação. Com 17 anos fui contratada como professora de crianças pequenas na Escola do Sítio, neste mesmo ano comecei a trabalhar com intervenção urbana num grupo de artistas.

Fui percebendo que tanto para os artistas contemporâneos como para as crianças, não existem fronteiras entre categorias artísticas, áreas do conhecimento ou linguagens. A música, as artes plásticas, o jogo dramático e a literatura não estão dissociados, pois são escolhidos conforme o trabalho e a brincadeira pedem. Elas podem dançar enquanto fazem arte, desenhar e cantar ao longo do jogo dramático. As crianças e os artistas navegam livremente entre os vários territórios da linguagem, criando outras realidades.

Aos 19 anos trabalhei como monitora da 19ª Bienal, o que me abriu um novo universo de arte. Mais tarde, na Escola Vera Cruz, fui professora para crianças pequenas e no Cedac, trabalhei com formação de professores em vários lugares do Brasil.

Aprendi que cada realidade pede uma ação que lhe faça sentido.

Estas experiências me prepararam para, mais tarde, assumir a direção da área educativa do Instituto Tomie Ohtake, onde estou há oito anos.

Como dirigir um espaço cultural de maneira a criar um ambiente para atender a diversidade?

Para mim este é um projeto de política pública onde temos como compromisso receber crianças, jovens e adultos de diversos lugares, com maneiras próprias de ler arte, de se expressar e com interesses diferentes.

Criamos um projeto com programas de longo, médio e curto prazo.

A programação se organiza entre uma conexão mais direta com as exposições apresentadas no Instituto com visitas orientadas, encontros de professores e com cursos que possibilitem experiências com públicos diversos: professores, pessoas que possuem interesse em arte, mas que vem de outras áreas do conhecimento, com pouco contato com a área, até artistas e pensadores sobre arte e estética. Este projeto educativo baseia-se em algumas reflexões: o Ensino não deve ser igual para todos e, sim especial para cada pessoa em sua singularidade; pode priorizar a experiência e a reflexão dos participantes nas exposições de artes e nos cursos; privilegia a arte contemporânea e está sempre em movimento; considera as peculiaridades da produção artística de nosso tempo lidando com o desconhecido ou com outra maneira de ver o conhecido, em um terreno movediço de teorias provisórias; trabalha com arte como possibilidade de diálogo, ação e transformação do mundo.

Cada professor que atua no Instituto Tomie Ohtake é respeitado em sua dinâmica e sua didática, em diálogo com a ação educativa. Ele cria situações potencializadoras com seus alunos, segundo suas características, convidando-os a mergulhar em múltiplas linguagens artísticas.

Ao longo deste percurso, aprendi que a experiência compartilhada transforma a todos, desloca o território de cada um alargando as perspectivas.

Em julho de 2009, fui convidada para ser curadora da 29ª Bienal de São Paulo. O grande desafio que se apresentou foi: como falar com um grande número pessoas, conversando com cada uma?

Este Projeto Educativo foi estruturado em pequenos encontros ou grandes conversas de modo a voz estar sempre em movimento. Foi organizado em três etapas, incluindo ações antes, durante e depois da mostra. As atividades anteriores à Bienal foram divididas em quatro eixos: formação de professores das redes pública e privada da cidade de São Paulo, do interior e de outros Estados, formação de educadores de ONGs, integração de artistas com comunidades, formação de educadores para atendimento ao público durante a exposição e o Seminário Internacional Educação, Arte e Política.

Durante a Bienal, além das visitas orientadas, realizamos programações específicas nos terreiros (espaços de encontros) voltados a jovens, crianças e adultos.

Após a exposição, pretendemos dar continuidade às parcerias estabelecidas e realizar itinerâncias em diversas localidades. Os conteúdos trabalhados nas formações são: noções gerais sobre a produção contemporânea, conceitos e artistas da 29ª Bienal, além de aspectos sobre arte e educação.

O educativo da 29ª Bienal estrutura-se por meio dos seguintes princípios: a ideia da aproximação com a arte pela via da experiência, a noção de autonomia, a importância da troca e do diálogo, assim como o respeito aos diferentes repertórios. Acreditamos que o trabalho com arte deve, sobretudo, respeitar o olhar de cada um e provocar mais incertezas do que verdades. Nesse sentido, a atividade educativa adquire uma dimensão política, ao estimular que todos entrem em contato com seu manancial criativo e inquietador.